

**A tradução comentada *sui generis* de títulos
de John Ruskin feitas por Marcel Proust**

***The Sui Generis commented translations
of John Ruskin's work made by Marcel Proust***

Luciana Persice Nogueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

luciana.persice@yahoo.com.br

Resumo: Marcel Proust, antes de ser o autor da *A la Recherche du Temps Perdu* (1913-1927), foi tradutor de dois títulos de John Ruskin: *La Bible d'Amiens* (1904) e de *Sésame et les Lys* (1906). Apesar dos poucos conhecimentos da língua inglesa, conseguiu participar ativamente do cenário intelectual da época ao divulgar textos do britânico polêmico, rivalizar com outros tradutores consagrados, e atrair atenção para os seus muitos comentários sobre o texto e sobre o autor, em prefácios, notas de rodapé e posfácios, em ambas as traduções. Mais do que reescrever, em francês, o texto original, ele escreveu suas próprias teses apoiadas nas do britânico – impondo a sua leitura de Ruskin aos leitores, e travando um diálogo entre o texto de Ruskin e o seu próprio, do qual o leitor da época é testemunha.

Palavras-chave: tradução comentada; ensaio; crítica.

Abstract: Before being the author of *Remembrance of Things Past*, Marcel Proust was the translator of two of John Ruskin's titles: *Our Fathers Have Told Us / La Bible d'Amiens* (1904) and *Sesame and Lilies / Sésame et les Lys* (1906). Despite his lack of knowledge of the English language, he managed to take active part in the intellectual milieu of the time, when he divulged some of this polemic Englishman's texts,

rivalized with other consecrated translators, and called the attention upon his innumerable comments on the texts and their author, in prefaces, footnotes and afterwords, in both translations. More than just rewriting, into French, the original text, he wrote his own theses supported on the author's theses – imposing his reading of Ruskin upon his readers, and establishing a dialogue between Ruskin's text and his own, of which the reader is the witness.

Keywords: Commented translation, essay, criticism

Recebido em 6 de junho de 2015

Aprovado em 7 de outubro de 2015

Esse artigo constitui parte de uma pesquisa pós-doutoral que teve por objeto as duas traduções (para o francês) empreendidas por Marcel Proust (1871-1922) de títulos do pensador e esteta britânico John Ruskin (1819-1900) – tema ainda não estudado no Brasil e pouco pesquisado na França. As traduções de Proust (1904 e 1906) servem de divisor de águas na carreira deste que, até então, era conhecido no meio artístico e literário como um escritor medíocre (autor dos versos decadentes de *Les Plaisirs et les Jours*, 1896). A publicação, na imprensa, de artigos sobre Ruskin e sobre seus textos, e de trechos das traduções ainda não editadas, permite a Proust estabelecer, progressivamente, nova reputação: a de tradutor-ensaísta (anos mais tarde, será reconhecido como grande romancista-ensaísta e, entre os dados autobiográficos que semeia ao longo de *A la Recherche du Temps Perdu*, o narrador se identifica como tradutor de Ruskin).

Mais que um trabalho reflexivo sobre a língua, as traduções de Ruskin realizadas por Proust revelam ser um primoroso exercício de erudição, enciclopedismo e virtuosismo em que Proust não apenas interpreta, como também desvenda e decodifica o texto de origem para o leitor francês, de acordo com sua própria leitura. Através de seus comentários, em notas de pé de página e em paratextos (prefácios e posfácios), o tradutor se apropria do texto de origem e realiza uma tradução *sui generis*, em que o texto de origem é, em sua quase totalidade,

cotejado por comentários – ora abonadores ora críticos – em uma composição híbrida que oscila entre tradução, teoria, crítica, ficção e autobiografia. O volume total de comentários ao texto de origem é quase equivalente ao tamanho deste.

Proust comenta, em sua correspondência pessoal, seus objetivos enquanto tradutor e suas dificuldades para com o texto de Ruskin, e explica o propósito de suas notas-comentários em paratextos que acompanham a edição da primeira tradução. Esse é o objeto do presente artigo, que abordará três pontos complementares: por que traduzir Ruskin no início do século XX, na França; como traduzi-lo, dentro desse contexto; e a importância do caráter comentado da tradução realizada.

Por que traduzir Ruskin?

O início do século XX é um período particularmente agitado e animado para a intelectualidade cosmopolita francesa. Em meio à profusão de embates, existem as disputas acirradas quanto à importância e ao papel dos autores ditos “nórdicos” (eufemismo para os britânicos e norte-americanos, entre outros) no cenário literário, e a questão da pertinência das traduções é um ponto nevrálgico nos embates travados entre seus defensores e seus detratores. Muito resumidamente, pode-se dizer que o movimento Renascença Latina via com maus olhos a penetração dos livros e da influência de autores de língua inglesa. Entre esses “nacionalistas”, está o escritor e crítico Jules Lemaître, que faz a seguinte advertência: “corram e aproveitem, vocês que gostam dos escritores das neves e das brumas, pois pode ser que uma reação do gênio latino esteja próxima.”¹

A querela travada no meio literário opõe, muito categoricamente, a (suposta) clareza francesa (o clamado “*goût français*”) e as “brumas” nórdicas (ou falta de clareza alheia). Dentre os defensores da influência das literaturas estrangeiras e do diálogo entre as diversas culturas estava o *Bulletin de l’Union pour l’Action Morale*, que, em dezembro de 1895 apresenta assim três dos grandes escritores anglo-saxões, muito admirados por Proust: “Ralph Emerson, Thomas Carlyle, John Ruskin: guardem estes três nomes. Eles têm uma sonoridade estrangeira; mas

¹ LEMAÎTRE *apud* BIZUB. De l’influence récente des Littératures du Nord, p. 44, todas as traduções livres nesse artigo são minhas.

são nomes amigos [...] não pertence[m] exclusivamente aos habitantes da grande ilha e do novo continente; todos carregamos um pouco da Inglaterra dentro de nós”.²

Dentre os polêmicos autores “nórdicos”, portanto, está Ruskin (esteta, moralista, teórico, sociólogo, reformador socialista, crítico de arte, desenhista, colecionador de arte e mecenas), que tinha posição de destaque pela sua estatura na própria Inglaterra e pela monumentalidade de sua obra, que já vinha sendo traduzida para diversos idiomas, exceto, segundo exigência do autor, para o francês. A partir de 1900, por ocasião de sua morte, cai o interdito da tradução, inicia-se uma corrida editorial na França, e Proust aproveita a oportunidade para penetrar nesse meio e nessa polêmica.

Motivado por um fascínio genuíno pelos escritos de Ruskin (que Proust lê desde os tempos da escola), assim como pela perspectiva de se projetar no mercado editorial, a partir de 1900, Proust se dedica à tradução de *La Bible d’Amiens* (1904) e de *Sésame et les Lys* (1906), editados pela Mercure de France (não sem dificuldades editoriais³).⁴

Complementarmente à questão da inserção no mercado editorial, a polêmica quanto a quem seria a maior autoridade sobre Ruskin à época parece ter ocupado o interesse de Proust durante algum tempo. Desde 1897, muito se falava de Ruskin por conta do ensaio de Robert de La Sizeranne, “Ruskin et la religion de la beauté”, considerado o maior especialista francês em Ruskin até então. É dele o epíteto com o qual Ruskin passou a ser conhecido na França: “*le Maître de Beauté*” (o “Mestre da Beleza”). A oposição de Proust a La Sizeranne será concentrada no entendimento da importância da beleza na estética de Ruskin – polêmica que será desenvolvida em notas à tradução de *La Bible d’Amiens*.

² LEMAÎTRE *apud* BIZUB. De l’influence récente des Littératures du Nord, p. 46.

³ Cartas a Alfred Vallette, fundador da Mercure de France, revelam que Proust só pôde realizar a tradução de *La Bible d’Amiens* depois de ceder ao pedido do editor de organizar uma edição de *Pages Choisies* de Ruskin. (27/11/1902, *Corr. III*, p. 178-179 e [06/12/1902], *Corr. III*, p. 187-188). Os títulos dos volumes da correspondência pessoal de Proust serão indicados, excepcionalmente, pela abreviação do título e pelo número do volume.

⁴ Para o presente artigo, foram utilizadas as edições eletrônicas dos dois títulos de Ruskin, traduzidos por Proust (ver Referências).

Como traduzir Ruskin?

Tendo estudado alemão na escola, o inglês de Proust era pífio. É notório o fato de que Proust não traduziu sozinho *La Bible d'Amiens* e *Sésame et les Lys*. Seus poucos conhecimentos da língua inglesa levaram-no a depender, primeiramente, do auxílio da mãe, que fazia uma versão inicial literal dos textos. A amiga Marie Nordlinger também traduziu longos trechos, mas não quis qualquer menção à sua colaboração no momento das publicações. Proust agradece, em seu prefácio a *La Bible d'Amiens*, o auxílio “pontual” do amigo Robert d’Humières (tradutor de Kipling), e o de Nordlinger, no prefácio a *Sésame et les Lys*. Quanto ao desconhecimento da língua inglesa, haverá, já a partir da edição da *Bible d'Amiens*, críticas ferrenhas.

A qualidade de seu inglês vai permanecer inalterada durante o processo de tradução: ao longo de sua correspondência, o autor revela, ora com maior ora com menor sinceridade, suas aptidões para o idioma: em carta ao amigo e compositor Reynaldo Hahn, Proust refere-se à tradução de *Sésame* como sendo “exercícios anglômanos” “perigosos” e “entediantes”;⁵ em carta ao amigo e escritor Robert de Montesquiou, menos íntimo, afirma que apenas “pediu cá e acolá” conselhos a d’Humières, mas que traduzira “tudo sozinho”.⁶ Muito mais tarde, ao amigo e escritor britânico Sydney Schiff, admite: “não sei mais sequer uma palavra de inglês”;⁷ e, ao amigo e escritor Paul Morand, a respeito de um artigo que saiu no *Times* sobre ele, fala de uma “amnésia do inglês” que o teria acometido “após as traduções”.⁸

Proust passa maus bocados rebatendo as críticas aos contrassensos que pululam no texto (para maiores detalhes, ver meu ensaio nas referências). Mas, preocupa-lhe menos a questão da língua do que a importância de reproduzir, fielmente, essencialmente, o conteúdo do texto. A forma, até certo ponto, lhe é irrelevante. Por exemplo, em carta ao professor de línguas Emile Picot, Proust está preocupado com a etimologia do nome de uma cidade: “Ruskin fala da cidade de Eisenach. E fala de seu nome ‘Iron-ach’... Iron quer dizer ferro. Mas ach?” Pede-

⁵ PROUST. *Corr. IV* (27/02/1904), p. 66-67.

⁶ PROUST. *Corr. IV* (13/03/1904), p. 90-91.

⁷ PROUST. *Corr. XIX* (01/09/1920), p. 435.

⁸ PROUST. *Corr. XIX* (03/03/1921), p. 115.

lhe, então, não que lhe diga “a etimologia *verdadeira*”, que não importa, mas “o que Ruskin queria dizer com aquilo”.⁹ Não importa tanto o significado da palavra em si; importa saber o que Ruskin pretendia dizer nas entrelinhas e nas sugestões implícitas.

Para Marie Nordlinger, em verdade, cotradutora dos dois títulos de Ruskin, Proust expressa claramente a preocupação com os contrassensos, não tanto por erros de tradução, mas por deixar escapar as “intenções fugidias” da língua inglesa (o que talvez signifique, mais simplesmente, que o que lhe escapa é o sentido das palavras da língua inglesa, *tout court*). Ele explica: “Refiz o início [de *Sesame and Lilies*], mudando cada palavra [...] Mas num francês menos feio, deixando escapar as intenções fugidias do inglês”, para não levar dez anos na tradução.¹⁰ Mudar “cada palavra” do texto traduzido não parece assustá-lo, e ele reitera esse expediente, que para muitos tradutores representaria um tabu, noutra carta.¹¹

A supremacia do conteúdo sobre a forma, para o tradutor Proust, fica evidente na carta que endereça a um editor (que acabara de publicar um trecho inédito da *Bible d'Amiens* em sua revista) que debochava de seus conhecimentos da língua inglesa durante uma recepção:

por aprofundar o sentido de cada palavra, o alcance de cada expressão, a relação entre todas as ideias, atingi um conhecimento tão preciso desse texto que toda vez que consultei um inglês [...] sobre alguma dificuldade, ele levava ao menos uma hora para entender a dificuldade e me parabenizar por saber mais inglês do que um inglês. No que ele se enganava. Não sei sequer uma palavra do inglês falado, não leio bem em inglês. Mas, há quatro anos, trabalho na *Bible d'Amiens* e a conheço inteiramente de cor, e a assimilei completamente [...] Em mais de vinte frases, d'Humières me disse: “Não é possível traduzir isso, não faz nenhum sentido em inglês. Se fosse eu, pularia”. Com muita paciência, até essas frases eu consegui entender. E, se permanecerem erros na minha tradução, será nas partes claras e fáceis, pois as obscuras

⁹ PROUST. *Corr. IV* (18/01/1904), p. 40-41.

¹⁰ PROUST. *Corr. I* (30/01/1904), p. 50-51, grifo do autor.

¹¹ PROUST. *Corr. IV* (06/02/1904), p. 57.

foram meditadas, aprofundadas, durante anos [...] *Não pretendo saber inglês. Pretendo saber Ruskin.*¹²

Proust exagera, e aumenta de três para quatro anos o período da atual tradução (que começou em outubro de 1899, segundo informação de Philip Kolb em nota a essa carta), mas considera que seu conhecimento do texto é total, e que ele não traduz do inglês, ele traduz Ruskin, ou seja, um homem, sua mentalidade, seu pensamento – em si, uma linguagem à parte, cifrada, que ele aprendeu a interpretar e a decodificar ao longo dos anos. E essa é a questão que nos interessa aqui.

O trabalho de anotação crítica que Proust realiza paralelamente à redação da tradução resulta numa tradução peculiar, em que o comentário se torna, na França, mais relevante do que o texto original. Embora Proust até tenha tentado se manter fiel à intenção de Ruskin, não realizou o que preconizam certas escolas, segundo as quais o tradutor deve se apagar diante do autor. Proust rivalizou com Ruskin nos dois livros que traduziu (além de rivalizar com os demais estudiosos e tradutores da obra ruskiniana à época); criou seu próprio mosaico de erudição e o sobrepôs ao de Ruskin. Criou, sobretudo, uma tradução híbrida, que mistura ensaio, crítica, autobiografia e tradução, impregnando-se do hibridismo do próprio texto traduzido (que mistura ensaio, crítica, imprecisão e autobiografia ao embaralhamento geral do texto).

De maneira objetiva, Proust dá sua tarefa de tradutor por encerrada, e anuncia, em 1907, em sua correspondência: “Quanto a Ruskin, parei de traduzi-lo, falam dele o tempo todo, nem sempre da maneira mais respeitosa [...] mas, enfim, a chama se propaga, e isso basta”.¹³ Seu propósito, enquanto tradutor, teria sido o de divulgar e perpetuar a obra do mestre (realizando o que Benjamin preconiza, mais tarde, como a “tarefa do tradutor”: garantir a sobrevivência do texto traduzido).¹⁴

¹² PROUST. *Corr. III*, (janeiro de 1903), p. 219-220, destaques meus. Muitas vezes criticado por sua incoerência, o texto de Ruskin avança e recua, e chega a se contradizer. Essa deve ser uma das explicações para a dificuldade de sua tradução. Robert de La Sizeranne expressa assim a dificuldade do texto do esteta: “quando lemos uma frase do Mestre, pensamos captar seu pensamento; quando lemos dez frases, hesitamos; quando lemos vinte, desistimos.” Ver: <http://fr.wikisource.org/wiki/Ruskin_et_la_religion_de_la_beaut%C3%A9>.

¹³ PROUST. *Corr. VII*, p. 237. Carta à amiga Mme Guéritte.

¹⁴ Ver BENJAMIN. *La tâche du traducteur*.

A tradução comentada

La Bible d'Amiens é editada em 1904 com um longo prefácio, composto de um introito, dois artigos (“*Ruskin à Notre-Dame d'Amiens*” e “*John Ruskin*”), publicados respectivamente na *Mercure de France* e na *Gazette des Beaux-Arts*, ambos em 1900), e um pós-escrito. Além de traduzir o texto, Proust procederá ao seu comentário, por meio de muitas notas – e o conjunto das referências, remissões e citações de Proust é quase tão longo quanto o próprio texto traduzido.

A extensa e complexa rede de anotações de Proust se entrelaça à complicada trama textual de Ruskin, e acaba por constituir uma sobreposição de mosaicos complementares. Serão ressaltadas (sem menção às páginas, pois foram consultadas as edições digitais de *La Bible d'Amiens* e de *Sésame et les Lys*) algumas das principais ideias desenvolvidas por Proust em sua tradução – para dar uma compreensão melhor do que seja, para ele, o trabalho da tradução, e para dar um entendimento do valor dos comentários.

No introito (“*avant-propos*”), podem-se destacar três ideias principais, que serão norteadoras de sua obra ficcional posterior (*Contre Sainte-Beuve* e *A la Recherche du Temps Perdu*). Primeiramente, Proust realiza o que considera ser a “*tarefa de todo crítico*”: permitir que o leitor seja “*impressionado*” pelos traços singulares da obra de um escritor. Essa impressão só ocorre pelo destaque do que há de repetitivo e recorrente ao longo da obra do autor estudado. Assim, Proust justifica suas inúmeras notas, remissões e citações a outros títulos de Ruskin, pois pretende proporcionar ao leitor uma “*memória improvisada*” da obra como um todo, suscitando “*ecos fraternais*” – numa hermenêutica que busca, no interior do conjunto da obra ruskiniana, o sentido do texto (método contrário ao de Sainte-Beuve, que o busca na biografia do autor). Seu objetivo, ao estabelecer as analogias entre as diferentes obras e criar uma “*memória improvisada*” é “*colocar diante dos olhos do leitor*” os “*traços essenciais do gênio do escritor*” – na medida em que são recorrentes e, portanto, fixos. Através das analogias e repetições, Proust quer que o leitor chegue às suas próprias conclusões (ele fará o mesmo ao longo da *Recherche* ao dar várias versões de um mesmo fato, ou de um mesmo personagem, levando o leitor, ao final da obra, a chegar à sua própria conclusão sobre os elementos da história contada).

No artigo “Notre Dame d’Amiens”, Proust fala do significado da catedral gótica, materializado, num primeiro momento, em sua fachada: a Bíblia escrita em pedra, como um livro; Proust faz uma descrição em forma de lista, típica de seu estilo, assim como do de Ruskin, e termina sobre a ideia de beleza, subordinando-a à importância do livro (de pedra) a ser entendido pelo fiel. Essa é uma compreensão de Proust, mas também de Ruskin, e Proust prepara o leitor para a polêmica que vai travar com La Sizeranne acerca da importância da beleza na obra de Ruskin.

No artigo “John Ruskin” (que também integra a mesma introdução à tradução), Proust vai, sobretudo, combater a visão de que Ruskin era um diletante, a qual se deve em grande parte, na França, ao ensaio de La Sizeranne, “Ruskin ou la religion de la beauté”. Primeiramente, Proust dedica duas notas inteiramente a um ataque direto ao ensaio de La Sizeranne. Na nota 30, lê-se a denúncia ao que considera o “domínio” (como que territorial) ou feudo estabelecido pelo ensaísta: “O Ruskin de M. de La Sizeranne. Ruskin foi considerado, até o presente momento, e com toda razão, como domínio pessoal de M. de la Sizeranne e, se, às vezes, tento aventurar-me em suas terras, não será, certamente, por desconhecer o fato, ou para usurpar-lhe o direito”.

Na nota 31, a crítica é ainda mais clara, em meio a comentários sobre outros ensaios já editados acerca de Ruskin: ele afirma que o livro de La Sizeranne “era perfeito demais dentro dos limites traçados pelo próprio autor”. Ou seja: ele qualifica o livro como “perfeito demais” e “limitado”, a um só tempo, o que é, evidentemente, algo da ordem da ironia. O essencial da disputa então travada contra a maior autoridade sobre Ruskin na época concentra-se na questão da beleza como sendo o eixo da “religião de Ruskin”. Proust diz que não quer contradizer o “sistema de M. de La Sizeranne”, mas que ele poderia ficar “diminuído, no entender dos leitores, mediante uma interpretação falsa”. Para corrigir qualquer erro de interpretação por parte do leitor, sentencia: “a principal religião de Ruskin foi a religião *tout court*”: o sentimento religioso de Ruskin é o “centro de gravidade da estética ruskiniana”, e determina o seu sentimento estético, que é “profundo” e “original”, e o impede, “ao contrário do que se costumava pensar, de misturar, às impressões diante das obras de arte, algum artifício de raciocínio que se lhes fosse estranho. De maneira que aqueles que veem nele um moralista e um apóstolo admirando na arte o que não é arte, se enganam”.

Parece claro que “o que se costumava pensar” refere-se à interpretação dada por La Sizeranne, e Proust vai reverter o raciocínio de seu rival e dizer, justamente, que Ruskin, “longe de ter sido um diletante ou um esteta”, foi “exatamente o contrário”, atento “por sua genialidade contra a vaidade de todo prazer” e para “a realidade eterna, intuitivamente percebida pela inspiração”. Para Ruskin, importava “o sentimento da beleza, na natureza e na arte”.

Três anos depois, o “pós-escrito” (escrito em 1903), inserido na sequência dos artigos introdutórios à tradução, vai marcar uma total reviravolta com relação ao que acaba de ser exposto. Nesse artigo, Proust se apresenta como um leitor diferente daquele de 1900, dos primórdios de seu trabalho de tradutor, que visitou Veneza tendo por guia *The Stones of Venice*, também de Ruskin, fazendo uma “peregrinação ruskiniana” sobre os passos do esteta. Estabelece uma distância crítica com relação à sua antiga admiração confessa e irrestrita, e realiza, essencialmente, uma severa crítica ao que chama de “idolatria” de Ruskin (termo que toma de empréstimo ao próprio Ruskin, em seus momentos de pregação evangélica).

É possível que a crítica à idolatria e ao diletantismo, nesse momento, seja um esforço que visa um duplo objetivo: por um lado, Proust valoriza sua própria singularidade artística e desvincula-se da imperiosa imagem do esteta inglês (cuja reputação declina, ao longo dos anos, junto ao meio intelectual e acadêmico francês); por outro, permite-lhe desvincular-se de sua própria imagem de diletante e esnobe, que tanto o estigmatizou quando da publicação de *Les Plaisirs et les Jours*. Por meio dessa crítica, Proust angaria a possibilidade de passar a ser lido sob outro prisma.

O pós-escrito parece anunciar os trechos finais da *Recherche*, em que memória, lembrança, ressurreição de momentos passados (que se acreditavam perdidos para sempre), paraíso perdido e os diversos “eus” se mesclam na explicação da trajetória da paixão pelo pensamento de Ruskin – o que permite afirmar que ela está à base do amadurecimento do processo criativo de Proust:

Mas, ao falar dessa paixão, um pouco factícia no início, tão profunda em seguida, que tive pelo pensamento de Ruskin, falo apoiando-me na memória, numa memória cristalizada [*glacée*], que só recorda os fatos, “mas, do passado profundo, não pode nada recuperar”. É apenas

quando certos períodos de nossa vida estão encerrados definitivamente [...], [quando] nos é proibido reabrir, furtivamente, as portas [...] é apenas então que recusamos que tais coisas sejam completamente abolidas [...] Na falta de uma ressurreição que não temos mais o poder de realizar, com a memória cristalizada que mantivemos dessas coisas, - a memória dos fatos que nos diz: “tu és tal” sem nos permitir voltar a sê-lo, que nos afirma a realidade de um paraíso perdido, ao invés de no-lo devolver através de lembrança, - nós queremos, ao menos, descrevê-lo e constituir sua ciência. É quando Ruskin está bem longe de nosso pensamento, que traduzimos seus livros.¹⁵

Essa citação é capital para a compreensão da importância do texto de Ruskin na obra de Proust – a atual (as traduções que ainda estão sendo editadas nesse momento) e a futura (os romances que vão, justamente, tratar desse tema crucial: a escritura da dificuldade de retratar a lembrança, seus mecanismos, suas implicações, seus sofrimentos). Essa ideia fundamental, que perpassa toda a sequência dos tomos da *Recherche*, está aqui condensada, a propósito de Ruskin e de seus livros, que Proust traduz e explica, anunciando, nas entrelinhas, o romance por vir.

Terminada a sequência de artigos introdutórios, vêm o texto traduzido de *La Bible d'Amiens* e as notas. Até o final do pós-escrito, há 47 notas. Até o final do livro, haverá um conjunto de 321 notas (apenas algumas sendo de Ruskin), em meio às quais Proust desenvolve uma espessa e erudita rede de referências bibliográficas e citações, tanto de obras de Ruskin – no seu esforço de criação de uma “memória improvisada” –, quanto de outros autores sobre os mais diversos assuntos complementares aos estudos de Ruskin – Emile Mâle, Viollet-le-Duc, entre muitos outros. Faz também menção a *Sesame and Lilies*, o segundo livro de Ruskin que irá traduzir – e onde detecta outra forma de idolatria, tema que serve, portanto, de ponte entre as duas obras, tão diversas entre si, mas ligadas pelo nexo estabelecido pela leitura de Proust.

Não cabe fazer um rastreamento dessa rede de notas e citações, mas algumas questões levantadas já surgem como elementos de teses que serão abordadas na futura obra ficcional (para seu estudo, remeto, novamente, ao meu ensaio; ver referências). Cabe, aqui, ressaltar que

¹⁵ PROUST. *La Bible d'Amiens*.

Proust conhece Ruskin, inicialmente, por meio de traduções, em artigos esparsos, publicados em várias revistas (de interesse literário, artístico ou social), assim como em livros de especialistas consagrados. Em seguida, lê no original, em parte pelo viés da assistência de amigos e da mãe. Seu entendimento a respeito da visão de Ruskin é intermediado, enviesado, oblíquo. Até que, no fazer da tradução, Proust se apropria do texto de Ruskin, transformando-o em um texto (em) francês, refazendo-o por completo (como ele anuncia à cotradutora), e impondo, em última instância, a sua leitura da obra. Suas notas e comentários direcionam o entendimento de seu leitor, estabelecem caminhos claros para elucidar a obscuridade do texto, definem um traçado lógico no labirinto das linhas e entrelinhas, estabelecem conexões com outras obras do autor, acrescentam informações de outros autores, identificando alusões, especificando citações, ordenando, à sua maneira, o universo desse pequeno livro que, aos seus olhos, condensa a gigantesca riqueza do pensamento de Ruskin, e serve de ponte para ele.

Em *Sésame et les Lys*, Proust vai fazer, como na sua tradução anterior, um importante preâmbulo, numerosas notas e extensos comentários. Só que, dessa vez, antes mesmo de começar o prefácio, já explica:

Nota 1: Apenas tentei, nesse prefácio, refletir sobre o mesmo tema tratado por Ruskin nos “Trésors des Rois”: a utilidade da Leitura. Com isso, essas poucas páginas onde Ruskin não é mencionado, consituem, entretanto, por assim dizer, uma espécie de crítica indireta à sua doutrina. Ao expor minhas ideias, vejo-me, sem querer, opondo-me, de antemão, às suas.¹⁶

Proust começa, antes mesmo da primeira frase do texto de Ruskin, afirmando sua diferença. Talvez por isso, o prefácio de *Sésame et les Lys* também seja conhecido pela crítica como um “Contre Ruskin”. Seu título é “Sur la lecture” (“Sobre a leitura”, que também no Brasil já foi editado à parte). Trata-se de um poético introito que anuncia as futuras páginas de “Combray”, pleno de recordações de infância (que também se descobrirão postumamente em *Jean Santeuil* e *Contre Sainte-Beuve*).

¹⁶ PROUST. *Sésame et les Lys*.

Alinhavam-se, então, inúmeras referências literárias, costurando citações e menções a autores e obras franceses, entremeados de nomes e títulos estrangeiros, sobretudo britânicos, de Shakespeare a William Morris (discípulo de Ruskin), amalhando, entretanto, clássicos da literatura europeia, numa densa malha erudita.

Terminado o prefácio e suas notas, começam o texto de Ruskin e suas notas. Ao todo, há um total de 223 (algumas são do autor), sendo que, de forma geral, repetem e complementam o texto de “Sur la lecture” de forma entrecortada com o texto de Ruskin (o que acaba mostrando, contrariamente ao anunciado inicialmente pelo tradutor, que o prefácio é, sim, um comentário de *Sésame*; é a síntese, em sequência lógica e linear, das notas esparsas).

Esse é o sentido geral do conjunto das notas comentadas do tradutor Proust que, portanto, paralelamente à tradução, escreve, à margem do livro de Ruskin, o seu próprio livro, em formato fragmentário, dialógico, colocando diante dos olhos do leitor uma verdadeira polifonia, onde se afinam e desafiam diferentes ideias e perspectivas.

Em carta à cotradutora Marie Nordlinger, Proust desabafa, em pleno luto: “A senhora está trabalhando? Eu, não mais. Encerrei para sempre a era das traduções que mamãe apreciava. E quanto às traduções de mim mesmo, já não tenho mais a coragem”.¹⁷ A “tradução de si mesmo” seria o ato de escrever o próprio texto, uma segunda etapa que sucede a da versão do texto de outrem.

Essa ideia já fora expressa por Proust em outra carta, ao amigo (escritor e político) Maurice Barrès: “Ainda tenho dois Ruskins a fazer [*Sésame et les lys* et *Pages Choisies* – livro que acabou não sendo feito por ele] e depois, tentarei traduzir a minha própria pobre alma, se ela não tiver morrido até lá.”¹⁸

A tradução, para Proust, é, portanto, uma etapa necessária a ser percorrida como uma espécie de aprendizado necessário ao início da sua empreitada ficcional. Escrever é, para ele, “traduzir a si mesmo”. Assim como traduzir terá sido escrever, por si mesmo, nas entrelinhas, nos pés de página, nos prefácios e nos posfácios.

Esse entendimento do trabalho do escritor como sendo entrelaçado ao do tradutor permanecerá evidente no decorrer da escritura

¹⁷ PROUST. *Corr. VI* (07/17/1906), p. 308.

¹⁸ PROUST. *Corr. I* (14/03/1904), p. 92-93.

da *Recherche*. O autor afirma, por exemplo, que “esse livro essencial, o único livro verdadeiro, um grande escritor não precisa inventar, uma vez que ele já existe em cada um de nós, mas traduzir. O dever e a tarefa de um escritor são as de um tradutor”.¹⁹ Escritura e tradução sendo, assim, aspectos de um mesmo processo de criação pessoal.

Pode-se supor que a maioria dos leitores franceses de hoje não conhecem as numerosas notas de pé de página aos livros de Ruskin, porque, durante mais de cem anos, os dois títulos não foram reeditados (ambos só foram tirados do esquecimento em 2011, pela editora Rivages). Eles conhecem, apenas, os artigos que constituem os paratextos – que constam nas edições originais, mas que também foram publicados nas obras completas do autor; desconhecem, portanto, o suporte dos textos de Ruskin, sobre os quais se apoiou Proust, para estruturar sua obra colossal, em muitos sentidos fragmentária, multifacetada e polifônica – numa espécie de mimetismo da própria estrutura das notas. Ler as traduções é, assim, uma das maneiras mais esclarecedoras de se entender ou redimensionar os romances de Proust. Ler suas notas comentadas é antever a ficção que se esboça em filigrana, no texto de Ruskin. É perceber sua tradução de outrem e de si mesmo, a um só tempo.

Referências

BENJAMIN, Walter. La tâche du traducteur. In: _____. *Oeuvres I*. Paris: Gallimard, 2000. p. 244-262.

BIZUB, Edward. *La Venise intérieure*. Proust et la poétique de la traduction. Neuchâtel: La Baconnière, 1991.

LEMAÎTRE. De l'influence récente des Littératures du Nord. In: BIZUB, *La Venise intérieure*. Proust et la poétique de la traduction. Neuchâtel: La Baconnière, 1991. p. 44.

NOGUEIRA, Luciana Persice. *Tradução, leitura e a pátina do tempo*. Proust e uma visão de Ruskin. Ensaio pós-doutoral. Rio de Janeiro: Banco de teses da UFRJ, 2011. 82 fls.

PROUST, Marcel. *Le Temps Retrouvé*. Paris: Gallimard, 1994.

¹⁹ PROUST. *Le Temps Retrouvé*, p. 197.

PROUST, Marcel. *Correspondance I-XXI*. Organização de Philip Kolb. Paris: Plon, 1976-1990.

RUSKIN, John. *La Bible d'Amiens*. Tradução de Marcel Proust. Livre Electronique de Project Gutenberg. Canadá, 1904. Disponível em: <www.gutenberg.ca/.../proustrusk.../proustrusk.../proustrusk-amiens-00>. Acesso em: 10 nov. 2015.

RUSKIN, John. *Sésame et les Lys*. Tradução de Marcel Proust. Livre Electronique de Project Gutenberg. Canadá, 1906. Disponível em: <www.gutenberg.ca/.../proustruskin-sesamelys/proustruskin-sesamelys-00>. Acesso em: 10 nov. 2015.